

COMPETITIVIDADE DA PRODUÇÃO DE MANDIOCA NO ESTADO DE SÃO PAULO COM CULTURAS CONCORRENTES EM ÁREA – SAFRA 2005/06

Lucilio Rogério Aparecido Alves¹; Fábio Isaias Felipe²; Mauro Osaki³

1 Doutor em Economia Aplicada, Pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Cepea-Esalq/USP. E-mail: lualves@esalq.usp.br; 2 Pesquisador Cepea-Esalq/USP. E-mail: fifelipe@esalq.usp.br. 3 Mestre em Economia Aplicada. Pesquisador Cepea-Esalq/USP. E-mail: mosaki@esalq.usp.br.

PALAVRAS-CHAVE: Custo de produção, mandioca, rentabilidade

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observaram-se constantes quedas nos preços de grande parte dos produtos agrícolas. Além deste cenário negativo, também houve acréscimo nos custos de produção das principais culturas. Esse aumento nos custos de produção ocorreu principalmente em razão novos tratamentos fitossanitários, sendo exemplo mais próximo o surgimento da ferrugem asiática na cultura da soja, que passou a exigir utilização mais intensiva de fungicidas.

O acompanhamento dos custos de produção e avaliação de rentabilidade se constituem como instrumentos fundamentais para a tomada de decisão na propriedade agrícola. Isso é fundamental pelo fato do mercado de produtos agrícolas tenderem à competição perfeita, onde os preços são definidos pelas forças de oferta e demanda, e onde um agente isoladamente não pode exercer influência sobre os preços do mercado. Além disso, informações sobre custos de produção possibilitam subsidiar ações gerenciais de curto prazo, ou mesmo para a implementação de políticas econômicas e/ou agrícola para mensurar a sustentabilidade de um empreendimento agrícola no longo prazo através da viabilidade econômica.

O objetivo deste trabalho é analisar a competitividade da produção de mandioca frente às principais culturas concorrentes em área no Estado de São Paulo.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em um levantamento dos custos e preços recebidos e pagos pelo produtor agrícola, com metodologia uniforme. Os dados foram obtidos a campo, com a técnica de coleta de dados chamada de “painéis”.

Neste sistema, o levantamento das informações foi realizado junto a um grupo seletivo de produtores representativos da região em estudo. O método de obtenção das informações foi caracterizado por reuniões entre pesquisadores, técnicos e produtores. No “painel”, os agentes discutem, em conjunto, e procuram desenhar um sistema típico de

produção de determinada localidade. Todos os passos do custo foram detalhados: os equipamentos, sua potência e consumo de combustível por unidade de tempo; os coeficientes técnicos dos equipamentos, em especial o número de horas necessários por hectare para a realização de determinado trato cultural; os insumos utilizados, com seu princípio ativo, quantidade e preço pago; dentre outros. Durante as discussões, o grupo montou uma planilha de custo que representou uma situação típica da região em análise.

O critério de custo de produção utilizado no estudo foi o do Custo Operacional Total. Por este critério foram computados como itens de custo os custos variáveis (insumos, mão-de-obra, combustíveis e manutenção de equipamentos), o custo do financiamento do capital de giro, mais a depreciação de máquinas e equipamentos e o custo de estocagem. Não foram computados, portanto, a remuneração de fatores fixos diversos, como depreciação de instalações diversas, remuneração e o custo de oportunidade do empresário, e outros custos fixos e semifixos, notadamente custos administrativos. Contudo, os itens considerados foram bastante característicos aos processos produtivos, e, portanto, menos heterogêneos entre produtores.

Os resultados foram apresentados em três níveis. Em termos de Custo Operacional Efetivo (COE), que engloba os custos variáveis e de financiamento de capital de giro; Custo Operacional Total (COT), em que se adiciona ao COE o valor das depreciações de máquinas e equipamentos; e, em Custo Total (CT) que se refere à soma do COT com os dos custos de oportunidade da terra, que se utilizou o arrendamento como *proxy*, e os juros do capital investido.

As culturas analisadas foram: mandioca de um e dois ciclos, trigo, milho safrinha, milho verão e cana-de-açúcar. Especificamente no caso da cultura de mandioca, para computar seus custos considerou-se uma propriedade típica que possui uma área total de 20 alqueires, plantando aproximadamente 10 alqueires com mandioca. O sistema de plantio considerado foi o mecanizado. Para computar o custo de produção por alqueire, considerou-se uma produtividade média de 50 t/alq no primeiro ciclo e 80 t/alq para a lavoura de dois ciclos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O COE da cultura da mandioca ficou em R\$ 4.175,79/alq. Se adicionar o valor das depreciações de máquinas e equipamentos, o valor fica em R\$ 4.238,46/alq. Diante dessa descrição, os itens que apresentaram as maiores parcelas sobre o total foram, respectivamente, o de colheita, gastos com frete, tratos culturais (principalmente capina manual), adubos e corretivos e capital de giro. Contudo, para obter o CT é preciso adicionar os custos que

incorporam a remuneração da terra e os juros sobre máquinas e equipamentos. Com isto, o CT fica em R\$ 5.057,97/alq, sendo que somente este participa com 16% do CT.

Efetuando a razão do COE sobre a produtividade da lavoura de um ciclo, o custo unitário de produção foi de R\$ 83,52/t. Considerando o preço médio de venda de R\$ 95,00/t (média entre abr/05 e mar/06), a margem por tonelada produzida foi de R\$ 11,48, ou R\$ 574,21/alq. A produtividade poderia ser de apenas 44 t/alq que o produtor estaria pagando as despesas envolvidas no COE.

Sobre o COT o custo encontrado foi de R\$ 84,77/t, reduzindo ligeiramente a margem por unidade produzida. Contudo, sobre o CT o custo por unidade produzida passa a ser de R\$ 101,16/t, e a margem passa a ser negativa. Neste caso, seria necessária a produção de pelo menos 53 toneladas por alqueire para igualar receita e custo, cuja quantidade é comum de se observar na região sob análise. Em suma, há uma condição relativamente favorável para a cultura nas condições analisadas neste trabalho. Contudo, deve-se levar em consideração que nos períodos de pico de safra (março e junho, em especial), os preços recebidos pelos produtores na safra 2005/06 estavam decrescentes.

Para as lavouras de dois ciclos, o COE e o COT tiveram acréscimos de 35% sobre a colheita de mandioca de um ciclo. Já o CT, teve variação positiva de 45%, passando para R\$ 7.355,23/alq. Observa-se, entretanto, que esse acréscimo no custo é menor que a variação média na produtividade.

O cálculo unitário no COE aponta para um custo por tonelada 15% menor que na cultura de um ciclo, passando para R\$ 70,79/t. No COT, esta diferença permanece, e o custo é de R\$ 71,57/t. Já no CT, o maior custo do arrendamento, principalmente, fez com que a diferença do custo unitário entre a cultura de um e de dois ciclos ficasse menor, mas ainda expressiva, sendo de 9%. Assim, o custo de produção passou para R\$ 91,94/t.

Considerando o preço médio de venda de R\$ 95,00/t, a margem por tonelada produzida é de R\$ 3,06/t, ou R\$ 244,77/alq. A produtividade poderia ser de apenas 77 t/alq que o produtor estaria pagando as despesas envolvidas no CT. Contudo, observa-se que apesar da margem ser positiva, está relativamente próxima ao valor médio de venda considerado.

Nas demais culturas analisadas, todas apresentaram margens apertadas e/ou negativas, com destaque para cada unidade vendida de soja, que apresentou custo total de produção 48% superior ao preço médio recebido pelos agricultores entre abr/05 e mar/06. Margens positivas, por sua vez, foram observadas nas culturas da cana-de-açúcar e mandioca.

De forma individual, a cultura da mandioca de dois ciclos apresentou o menor custo por tonelada, proporcionando como consequência melhor remuneração por alqueire.

Nesse sentido, a receita obtida com a mandioca de dois ciclos foi inferior apenas a da cana-de-açúcar.

No período, os custos de produção de grãos continuaram elevados, com margens significativamente negativas. Com exceção do milho verão, as atividades de soja, milho safrinha e trigo apresentaram margens negativas já no COE, apontando para a dificuldade do produtor em se manter na atividade no médio e longo prazos. Sobre o CT, todas as culturas mostraram margens negativas por unidade comercializada.

Estes dados destacam que na safra 2005/06 foi a produção de milho, apesar de estar com preços baixos, que obteve melhor rentabilidade monetária, comparativamente à soja. Por outro lado, a dificuldade do produtor para as culturas de inverno foi realçada, uma vez que nenhuma cultura mostrou receita positiva. Estes últimos resultados surpreenderam, pois se esperava que pelo menos o plantio de milho safrinha gerasse margens positivas, amenizando a situação do produtor. Somente se a produtividade agrícola for superior à considerada neste trabalho é que a situação dos produtores agrícolas pode melhorar.

Como o esperado, foi com a produção de cana-de-açúcar que se obteve o melhor resultado dentre as culturas analisadas. Os mercados interno e externo promissores para a venda de açúcar e álcool são os fatores principais que favoreceram estes resultados.

Não se pode deixar de apontar para o fato de que o preço adotado neste trabalho para comparação com o custo de produção se refere à média dos valores recebidos pelos produtores nos doze meses anteriores ao levantamento dos custos de produção (abr/05 a mar/06). Entretanto, sabe-se que em geral o produtor necessita de efetuar a venda da maior parte de seu produto logo após a colheita, quando há vencimentos dos compromissos financeiros com empresas de insumos e/ou bancos. Mas é em geral nestes períodos que os preços tendem a atingir os menores patamares do ano.

CONCLUSÕES

Os dados apontaram que a mandioca é uma das poucas culturas que se apresentaram competitivas em termos de custos frente a outras culturas, perdendo em rentabilidade apenas para a cultura da cana-de-açúcar. Apesar disso, os dados apontam para a necessidade novas tecnologias que reduzam a participação dos gastos com insumos. Neste ínterim, estudos que analisem a possibilidade, por exemplo, da adoção de variedades melhoradas e/ou transgênicas devem ser pautas de novos trabalhos, tentando captar o real impacto das mesmas sobre o custo e rentabilidade do produtor.